

no, cujas linhas capitais diferem das dos sistemas jurídicos do continente europeu, somente por dimanarem, imediatamente, do Direito Romano clássico, já muito antes implantado, pela conquista, nas ilhas britânicas.

Essa perturbadora surpresa ganhava-lhe, sem detença, o interesse dos estudantes. Exerceu, assim, Elpídio Paes, influência decisiva sobre a formação jurídica de nossa mocidade. Não só lhe descerrava ao início do curso, a larga visão de uma organização jurídica, que o tempo faz, cada dia, mais atual e nova, senão, também, lhes incutia pacientemente a exatidão, a fidelidade ao pormenor, como diretiva básica do aprender.

Nenhum de seus estudantes, estejamos seguros, o esquecerá, nem ao professor excepcional, nem ao homem compreensivo e afetuoso, que lhes resolvia as dúvidas, incansavelmente os guiava por entre as dificuldades do estudo e, generosamente, lhes aplacava os ressentimentos e as queixas.

Agora, para Elpídio Paes, cessou a longa jornada, nem sempre fácil e agradável. Veio-lhe a morte às vésperas do repouso na aposentadoria, como a substituir-se a esta, — recompensa demasiado pequena para esforço tamanho, de tão profunda riqueza interior.

Todos os caminhos desta vida, certo, mais dia menos dia, levam-nos ao crepúsculo. Mas, esse crepúsculo que, do lado de cá, nos aparece como crepúsculo da tarde, é, do lado de lá, o crepúsculo da aurora, — dessa alvorada que se abre gloriosamente, por entre as sombras do tempo, para os que, do tempo, corajosa e confiantemente, avançam ao encontro da eternidade.

“Pelo céu da tarde uma primavera se ergue a florescer”. Tal, o verso de Hölderlin; tal o misterioso sentido que se há de atribuir à morte, como fim de todas as jornadas.

A DIGNIDADE DO MAGISTÉRIO

Prof. Elmo Pilla Ribeiro

A semelhança de outras instituições de ensino, a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul possui sempre uma nobre linhagem de professores, perceptíveis entre os demais, e que nasceu com ela própria, constituindo-se em verdadeiros nubes tutelares daquela casa de ensino. Suas figuras e seus exemplos se têm imposto de geração a geração por uma transfusão silenciosa de estilo, de sorte a que, professores, sem o desejarem, fazem discípulos entre seus pares, o que tem permitido sempre a existência de figuras singulares que, diuturnamente, nos dão lições de algo que não consta nos currículos acadêmicos nem é formalmente exigido para o ingresso no magistério superior.

Trata-se de uma bela estirpe de mestres que se notabilizam, não apenas pelo perfeito conhecimento da matéria que ensinam e cabal desempenho de suas atribuições, mas ainda por inconfundível estilo de ser e de viver. Proibidade intelectual e moral, verticalidade de conduta, independência de espírito? Desde logo — mas não somente.

Sente-se que os anima uma idéia matriz, que é uma verdadeira constante em suas vidas: e do sentido e relevância da missão que cumprem, dos quais decorre a dignidade desta.

Se desprovidos de recursos materiais, não vêm no magistério apenas uma profissão; se bem sucedidos em outras atividades, não o têm como uma simples complementação de ganhos.

Não buscaram o magistério para auto-satisfação da vaidade, para dele fazer sua tribuna ou transformá-lo em trampolim à conquista de posições, honrarias ou dignidades. São fundamentalmente professores e querem conservar-se tais.

Move-se um vigoroso impulso anímico, uma irrefreável tendência — como a do artista, do escritor, do pastor de almas e a da própria maternidade na mulher — que só se

realiza quando atinge aos seus fins. Na consecução destes, dão a melhor parte de si mesmos e a oferecem com amor, pois estão conscientes de que só se dá verdadeiramente o que se dá com amor, como disse outro grande professor, Eduardo J. Couture.

A compreensão do significado do magistério, a consciência de sua importância, a constatação de que em suas mãos estão superiores interesses sociais — se por um lado lhes impõem um sem número de sacrifícios e restrições, por outro, leva-os naturalmente a combater as permanentes tentativas de abastardamento do ensino ou de alienação da consciência do professor, em evidente oposição com a elevação e a pulcritude de sua missão.

Não cortejando um certo tipo equívoco de popularidade, tecida de concessões por vezes quase inconfessáveis não se deixando seduzir por considerações pragmáticas imperantes no mundo de hoje, não adotando como estilo de magistério o “bom mocismo” — chaga nacional que consiste em conceder tudo o que nos não pertença, a todos e a qualquer preço — dão ádito a incompreensões e a críticas nem sempre bem intencionadas, mas sempre inconsistentes, daqueles que vêem nas escolas superiores apenas fábricas de diplomas nas especializações mais rendosas, no menor espaço de tempo e, por isso mesmo, aplaudem entusiasticamente os que colaboram nessa obra de destruição cultural.

Essa fidelidade aos valores, se os expõem a críticas desarrazoadas, constitui, ao mesmo tempo, a razão de sua fortaleza, porque os torna inatingíveis, como o são o artista, o escritor, o místico na medida em que trabalham na realização dos seus ideais. No plano humano, nada há mais absoluto do que permanecer fiel às próprias convicções, escreveu Charles Morgan.

E esse sentido que imprimiram à própria vida, confere-lhe uma tal força moral, que é perceptível aos mais desavisados que deles se aproximem.

Entre essas figuras exemplares inscreve-se o egrégio nome de Elpídio Ferreira Paes, cuja morte, em sendo uma perda, foi uma reintegração na vida do espírito, porque sua existência foi vivida em função dos princípios que a inspiraram permanentemente.

Sua presença é, porém, perene naquela casa de ensino, dado que ele corporificou, como os que melhor o fizeram, aquele complexo de valorações que fazem a dignidade do magistério.

O PROFESSOR ARMANDO CAMARA E A SEMANA INTERNACIONAL DE FILOSOFIA, DE SÃO PAULO

Esta revista tem a honra e a primazia de publicar, dando prioridade a todos os demais trabalhos, a admirável síntese acerca da definição do valor que o eminentíssimo Professor Armando Pereira da Camara endereçou, a título de Comunicação, ao Congresso Internacional de Filosofia, reunido em São Paulo, de 16 a 22 de julho do corrente ano, com a participação de grandes nomes do pensamento filosófico universal, mestres destacados de Universidades americanas e européias.

O ilustre jusfilósofo rio-grandense realizou, com o seu notável trabalho, um passo decisivo no visionamento e na problemática do Valor, conceitualizando-o na base de um denominador comum doutrinário, capaz de reunir as mais diferentes posições filosóficas em torno de três idéias fundamentais: a) a idéia universal do ser; b) a idéia do ser em estado dinâmico; c) a idéia de um dinamismo finalizado.

O magistral ensaio representa, no campo da Axiologia contemporânea, além de contribuição original, uma posição das mais significativas e fecundas, não só pela visão metafísica do Valor, de sua profunda radicação nos seres e no Ser, mas ainda porque destinada a servir de fundamento a uma visão do mundo jurídico, enraizada na natureza humana e polarizada pelos fins integrais da pessoa.

A comunicação do Professor Armando Camara, lida por seu discípulo e amigo professor Jacy de Souza Mendonça, constituiu um dos pontos mais altos do aludido Congresso, no testemunho de eminentes personalidades que dele participaram.

Registrando o grato acontecimento, de tanto relevo cultural, orgulha-se a Faculdade de Direito de seu insigne mestre que pode ser considerado, com inteira justiça, verdadeiro *caput scholae*, tão fecundo e tão marcante é o seu magistério.